

Cuidado com Ulysses!

JORNAL DA TARDE

José Nêumanne

O candidato do PMDB à Presidência da República, deputado Ulysses Guimarães, passou o último fim de semana em campanha no Nordeste. No sábado, desembarcou em Campina Grande, principal cidade do interior da Paraíba, dormiu em João Pessoa, capital do Estado, e, no domingo, almoçou com o governador de Pernambuco, Miguel Arraes, em Recife. Ao contrário de seus adversários, Fernando Collor, do PRN, Leonel Brizola, do PDT, e Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, não fez comícios, não participou de grandes manifestações nem ouviu o aplauso acalorado de grandes auditórios. Foi recebido apenas por militantes, a maioria dos quais figuras importantes da política nacional. Mas não teve contato direto com o eleitor comum.

No entanto, na Paraíba, o candidato do partido majoritário na Nova República obteve uma vitória significativa: a adesão do político mais popular do Estado, o ex-prefeito de Campina Grande Ronaldo Cunha Lima, que carrega, com ele, o voto de seu filho, o jovem Cássio, prefeito da cidade. Esse apoio tornou equilibrada uma situação que lhe era francamente desfavorável no Estado mais pobre do Brasil. O governador Tarcísio Burity, eleito pelo PMDB em 1986, mudou mais uma vez de partido, instalou o PRN na Paraíba e aderiu, com armas, bagagem e secretariado, a Fernando Collor de Mello. O prefeito de João Pessoa, Wilson Braga, apesar de eleito pelo PFL de Aureliano Chaves, migrou para o PDT, apoiando a candidatura de Leonel Brizola, que passou, com isso, a contar com o apoio da única política capaz de competir com Ronaldo pela liderança em matéria de popularidade, a deputada federal Lúcia Braga, mulher do prefeito da capital.

O apoio de Ronaldo e Cássio, sacramentado sábado em Campina Grande, foi uma obra de engenharia política mais complicada do que se poderia imaginar, principalmente quando se sabe que o ex-prefeito de Campina Grande foi do PTB pré-1964, fundou o MDB e sempre pertenceu ao PMDB. Na verdade, apesar das aparências dessa biografia de fidelidade inegável, ele estava com um pé fora do partido, por causa de suas pretensões à candidatura ao governo do Estado, em 1990. Pretensões, diga-se de passagem, tão legítimas como antigas.

Em 1986, Ronaldo já poderia ter sido o candidato peemedebista ao governo estadual. Mas, prefeito de Campina Grande em exercício à época, preferiu não ceder à tentação de deixar a lenda em que sempre estivera, para se candidatar pelo PFL, por proposta do então governador Wilson Braga. O senador Humberto Lucena, dono da lenda no Estado, não abriu mão de sair candidato e Ronaldo o apoiou. Humberto adoeceu e o PMDB acabou por lançar o ex-governador Tarcísio Burity, que estava sem partido, ficando o então prefeito de Campina Grande na incômoda situação de ter de esperar mais quatro anos para lutar para chegar ao Palácio da Redenção.

Político esperto, leitor atento de pesquisas, que dão excelente posição eleitoral a Ronaldo Cunha Lima, o governador Tarcísio Burity se apressou em lançar sua candidatura, por qualquer partido, no qual estivesse ou não. "Em 1986, não era minha vez; em 1990, ninguém me sustenta", passou a ser o slogan do ex-prefeito, cuja situação ficou ainda mais complicada quando se soube que, além de Humberto, senhor da máquina partidária, também pretendia a indicação o deputado federal Antônio Mariz, dono de excelentes atuações eleitorais nas campanhas para a Câmara.

Foi aí que o doutor Ulysses entrou em cena para resolver, de vez, o problema. Numa orquestra-

ção bem-sucedida, o ex-presidente do Senado Federal e o deputado deram entrevistas lançando o nome do ex-prefeito de Campina Grande para o governo, em 1990. O próprio Ulysses foi a Campina Grande e, no auditório do Museu de Arte da Universidade Estadual da Paraíba, deu uma entrevista coletiva, comprometendo-se a participar pessoalmente da campanha eleitoral do futuro candidato do PMDB ao governo da Paraíba, que, sorridente, ouviu a declaração sentado a seu lado, à mesa. O apoio de Ronaldo foi o resultado inevitável da operação de apoio prévio a Ronaldo, certamente nascida de uma análise pragmática da situação eleitoral difícil da candidatura do PMDB à Presidência da República, este ano.

A Paraíba é um Estado pequeno, de poucos eleitores e, nesta campanha, seu eleitorado está dividido entre três candidaturas. Não se sabe ainda se Ronaldo Cunha Lima conseguirá transformar sua popularidade em votos para o candidato do partido. Mas, de qualquer maneira, o episódio já demonstra, claramente, qual será a tática do deputado Ulysses Guimarães para enfrentar a borrasca dos baixos índices de preferência do eleitorado nas pesquisas. Antes de ir à rua, ele pretende costurar as divergências internas do PMDB, tentando pôr a respeitável máquina do partido majoritário a serviço de sua candidatura. Esta operação ficou complicada pelo fato de a eleição presidencial deste ano estar desacoplada de outros pleitos de interesse local, seja para os municípios, seja para os Estados.

A pacificação do PMDB paraibano foi uma jogada de mestre do habilidoso político, que todos reconhecem ser o doutor Ulysses. Muito embora esse tipo de jogada não seja ainda um sinal de que seu nome possa se deslocar dos baixos índices conseguidos até agora, é de bom alvitre reconhecer a levianidade de qualquer raciocínio prospectivo que decreta, desde já, a cinco meses do primeiro turno da eleição, o precoce falecimento da candidatura peemedebista.

Por menos significativo que seja em termos de aritmética eleitoral, o episódio paraibano é emblemático, por esclarecer, definitivamente, que a proclamada capacidade do doutor Ulysses de ressurgir das cinzas não provém de sorte ou acaso, mas da capacidade habilidosa e experiente de fazer lances corretos no momento necessário do jogo. A democracia é um regime no qual o pragmatismo costuma prevalecer, forçando muitas vezes os homens a posições sensatas, por ser — nesses casos — a insensatez um mau negócio. Com mais de 40 anos de janelas, o veterano político de Rio Claro usou essa mentalidade da sensatez oportuna para limpar as águas que estavam ficando turvas na fonte paraibana de seus votos.

Certamente, ele vai tentar levar esse mesmo tipo de mentalidade às seções regionais do partido nos outros 22 Estados. É muito cedo para saber que tipo de êxito poderá obter, principalmente em Estados cujos governadores sempre foram renitentes a suas pretensões presidenciais. Não se sabe, também, se essa habilidade pública e notória será suficiente para acoplar sua candidatura ao prestígio do partido, como ele pretende, ou para driblar o desgaste da lenda, comprometida pela má gestão econômica e pela reversão de expectativas, nos últimos quatro anos. Seja como for, o velho pessedista de Rio Claro começou pela Paraíba a mostrar que ainda não perdeu de vez sua antiga capacidade de ressuscitar. Ensina a prudência que convém a seus adversários lembrar que o doutor Ulysses costuma ficar mais perigoso justamente quando parece morto e enterrado.